

Autoritarismo, intolerância e violência na “terra liberdade”: particularidades do fascismo norte-americano

TATIANA POGGI

Em artigo intitulado “Bad civil society”¹, Chambers e Kopstein, de modo crítico e irreverente, procuram resgatar o debate sobre a sociedade civil, defendendo que esta esfera não consiste simplesmente num mundo onde impera o consenso, isento de coerção ou violência. Os autores recuperam perspectivas liberais tradicionais sobre sociedade civil, as quais afirmam, ainda que por caminhos diferentes, que uma sociedade civil robusta e vibrante fortalece e enriquece a democracia.

Mas o quê dizer de uma sociedade civil repleta de organizações autoritárias, intolerantes e antidemocráticas? Até que ponto organizações desse tipo contribuem para o fortalecimento da democracia? O artigo de Chambers e Kopstein faz com que nos defrontemos com essas questões e pensemos se apenas uma variedade de formas associativas garante por si só mais democracia.

Partindo do caso de Benjamin Smith, membro da *World Church of the Creator*, que em julho de 1999 perseguiu a tiros judeus, negros e asiáticos, Chambers e Kopstein entendem que sociedade civil pode também ser palco de manifestações de violência e coerção. E que o aumento da participação em organizações desse caráter não fortalecem, mas, ao contrário, enfraquecem a democracia, mesmo a pensada nos contornos do liberalismo.

Seria Benjamin Smith mais um caso isolado, mais um jovem perturbado semelhante a Timothy McVeigh, responsável pela explosão em 1995 do prédio federal Alfred Murrah em Oklahoma City? Incidentes como esses trazem a tona um debate por muitos esquecido ou propositalmente silenciado.

Coisa do passado, ligado ao contexto da Segunda Guerra Mundial, o debate em torno do fascismo pouco avançou para além das fronteiras das décadas de 1920, 1930 e meados de 1940, passando perigosamente a impressão de ser este um fenômeno datado. Os atentados mais recentes vêm, então, como um choque de realidade, ainda

que tardio, demonstrando o fato de que o fascismo teima em bater a porta do século XXI. Como entender, então, Timothy McVeigh, Benjamin Smith e outras manifestações neofascistas? Fenômenos esporádicos? Anomalias sociais? Reminiscências do passado, frutos da nostalgia? Ou frutos de causas mais profundas, estruturais?

O debate proposto neste artigo tem como objetivo tentar responder a tais perguntas, enfocando a importância do estudo do fascismo em nossos dias, em especial seu desenvolvimento nos Estados Unidos da América. Não pretendemos com isso afirmar que as expressões contemporâneas de fascismo sejam meras cópias, um ressuscitar do fenômeno do entre guerras, mas destacar que o fascismo como ideologia e projeto social persistiu, explorando antigas e novas formas de construir uma sociedade autoritária, intolerante e excludente dentro dos marcos do capitalismo.

Mais do que qualquer outro modo de organização social do capitalismo, no fascismo as formas de coerção direta e simbólica aparecem flagrantes nos diversos âmbitos da vida, justamente pelo descaso deste em relação à tolerância, aos direitos civis e sociais, à igualdade e à liberdade. Em nome da preservação e do avanço de uma coletividade mitificada na raça, na nação ou num passado histórico glorioso, é justificado o sacrifício de tudo, até mesmo do direito à existência.

Expressões de fascismo, passadas e presentes, são respostas a crises profundas no capitalismo, respostas à exacerbação das contradições inerentes ao sistema capitalista.² E, assim como a crise do reformismo democrata³ apresentou peculiaridades, as organizações fascistas contemporâneas também não são mero resgate do movimento passado. Ao autoritarismo, anticomunismo, antiliberalismo, nacionalismo exacerbado e apelo ao espetáculo, somam-se outros aspectos. Porque o neofascismo é também filho de seu tempo, da sociedade específica na qual se insere.

Visto por esse prisma, é possível entender as críticas neofascistas a políticas públicas inclusivas, democratizantes e aos demasiados gastos públicos

com bem-estar. No caso norte-americano, possibilita também compreender o papel central desempenhado pelo racismo, antissemitismo e anti-comunismo, dado o passado marcado pela escravidão, discriminação, cotas de imigração e perseguição a comunistas.

Para além das especificidades conjunturais e estruturais que por si só diferenciam organizações fascistas nascidas, por exemplo, em fins do XIX, bem como em meio à Grande Depressão de 1929, ou em nossos dias, é importante atentar também para os aspectos históricos e particularmente nacionais do desenvolvimento do fascismo nos EUA. É possível observar continuidades entre essas diversas expressões de fascismo, para além da clara afinidade ideológica? O que marcaria e diferenciaria o fascismo norte-americano do fascismo alemão ou italiano ou inglês, por exemplo?

Racismo, antissemitismo, anticomunismo e particular apreço pelo empreendedorismo são elementos que se destacam na conformação das organizações fascistas norte-americanas de hoje e outrora. A partir da observação de eventos históricos marcantes como a escravidão, o sistema de segregação Jim Crow, o sistema de cotas de imigração, o macarthismo, a cultura do *self made man*, percebe-se que esses elementos estão de alguma forma imbricados na história dos EUA (ainda que em graus variados conforme os diferentes períodos históricos). A história do racismo, do antissemitismo, do anti-comunismo e da segregação nos EUA passa invariavelmente por esses processos, fomentando-os, embasando-os. Ao mesmo tempo, como resultado do desenvolvimento desses processos históricos, aprofundam-se relações sociais norteadas pelo racismo, antissemitismo e anticomunismo.⁴

Extrapolando em muito as fronteiras da escravidão, o racismo influenciou profundamente diversos aspectos das seguintes formações sociais nos EUA até nossos dias: a abolição não levou ao fim da discriminação ou da segregação, sendo estas relações reconfiguradas no capitalismo em expansão; leis segregacionistas teimavam em reaparecer mesmo após a abolição, em plena Reconstrução. Segundo Fernandes e Morais (2007), códigos negros (Black Codes), leis que restringiam a liberdade dos negros em inúmeros aspectos, foram aprovados em muitos estados pelas Convenções Sulistas. Algumas das leis obrigavam ex-escravos a trabalhar sem poder escolher seus

empregadores, outras proibiam reuniões, casamentos inter-raciais, consumo de álcool, posse de armas de fogo ou atuação em serviços especializados. Na Carolina do Sul, a lei somente permitia aos negros trabalhar em serviços rurais e domésticos. Já no Mississippi, negros não podiam tornar-se proprietários de terra.⁵

Em 1866 o Congresso aprovou a primeira Lei de Direitos Civis, proibindo a legislação discriminatória entre brancos e negros, restringindo a autonomia dos estados nesse sentido. Ainda assim, nem a legislação nem a 14ª Emenda Constitucional conseguiram frear completamente o surgimento de leis de segregação. Já em 1870 no Tennessee foi promulgada lei proibindo o casamento inter-racial. Passados alguns anos, popularizavam-se no sul leis Jim Crow, baseadas no conhecido princípio “separados, mas iguais”.

Surgiam também os primeiros focos do racismo organizado, em reação à abolição e às mudanças estruturais vivenciadas por todo o Sul com o desmantelamento da civilização sulista e o início da Reconstrução. Esse é o caso da Ku Klux Klan, fundada em 1865 na cidade de Pulaski, Tennessee, na forma de um ainda pequeno clube, organizado por seis ex-oficiais do exército Confederado. Em pouco tempo a KKK conseguiu angariar membros por todo o sul e sudeste, muitos dos quais egressos de grupos racistas locais e associações clandestinas, a exemplo das *White Brotherhood*, *Pale Faces*, *Knights of the White Camelia* e *Order of White Rose*.⁶

A Klan prezava não apenas por estritos padrões raciais, mas também pela defesa da moral, da honra e dos bons costumes cristãos. Perseguiu não só negros, mas também chineses, judeus e brancos liberais, estes últimos vistos como amantes de negros e perturbadores da “boa e velha ordem”. Dentre os integrantes encontram-se políticos proeminentes, mas a base social esmagadora era de brancos pobres, ressentidos com as mudanças que colocavam ex-escravos não somente em condição de igualdade política, mas de concorrentes no mercado de trabalho.

As leis federais aprovadas na década de 1870, proibindo ações de caráter “terrorista”, não foram capazes de conter efetivamente o avanço de organizações racistas, restringindo apenas parcialmente os atos de violência mais brutal e explícita como linchamentos, estupros etc.

O problema da discriminação e do preconceito nos

EUA, como já afirmado, não se restringe ao negro, podendo ser igualmente observado com relação a grupos indígenas e de imigrantes de origem étnica variada ao longo de toda a história dos EUA.

[No contexto norte-americano] o racismo inicia-se com os colonizadores europeus realizando “limpezas étnicas” dos nativos americanos de seus assentamentos no Novo Mundo. Em um nível, o que ocorreu foi uma invasão e conquista. A justificativa para isso foi racista. (...) A doutrina do “destino manifesto” refletia essa crença de que os euro-americanos, por virtude de sua cultura superior, estavam destinados a expandir seu domínio.⁷

Dedicando-se ao estudo dos pedidos de cidadania norte-americana por meio dos processos de naturalização, o professor de direito Ian Haney López defende a tese da raça como construção social e destaca a centralidade da lei nessa construção, entendendo-a como um poderoso mecanismo pelo qual uma sociedade cria, define e regula a si mesma.⁸ Por meio da análise de uma série de atos e processos de naturalização, López mostra que a lei muito mais do que legalizar a idéia de raça e criar uma noção de ‘brancura’ contribuiu para a conformação de relações de dominação e subordinação na sociedade norte-americana. Além das barreiras contra a imigração, o autor também apresenta um histórico das dificuldades encontradas por parte da população não-branca residente na conquista legal da cidadania.

O histórico de construção social da raça por meio de políticas públicas discriminatórias e racistas é traçado por ele desde o momento que segue a independência com o ato de 26 de março de 1790, no qual o Congresso restringiu o direito de naturalização somente a “pessoas brancas” até 1952, quando as restrições raciais foram oficialmente retiradas dos pré-requisitos para se pleitear naturalização. Nesse ínterim, inúmeros atos discriminatórios como o *Chinese Exclusion Act* (1882), os sistemas de cotas para imigração de 1921 e 1924 e mesmo políticas de deportações em massa (como *Operation Wetback* da década de 1950) foram aprovados pelo Congresso. Como se verá a seguir, a maioria das legislações discriminatórias contra imigrantes foi aprovada em fins do XIX e início do XX em decorrência de conflitos gerados pela segunda grande leva migratória.

Os estudos de Coriat (2005) sobre organização da produção e do trabalho demonstram que a origem dos novos ingressantes era mais variada que a primeira leva migratória, composta basicamente de indivíduos vindos do nordeste da Europa, chegando do leste e sudeste europeu, dentre os quais destacamos italianos e judeus, irlandeses e asiáticos, em especial da China e do Japão. Esses homens eram em sua maioria comerciantes e camponeses recém expropriados, sem maior qualificação ou conhecimento do trabalho industrial.

Muitos foram vistos como concorrentes no mercado de trabalho, uma vez que desempenhavam serviços por salários muito menores e sem nenhum tipo de benefício. Os ditos operários “antigos”, mais especializados e melhor pagos, reagiram já em fins do XIX à chegada dos “novos imigrantes” e dos negros vindos do sul, incentivando boicotes e construindo grandes centrais sindicais restritas a operários brancos e especializados, a exemplo da *American Federation of Labor*.⁹

Em artigo à revista Tempo, Ngai observa que mais que variedade étnica e cultural, a segunda grande leva migratória ficou marcada pelo aumento da xenofobia nos EUA, especialmente a partir de 1890 dada à associação de problemas sociais da época, como o surgimento de favelas, aumento da pobreza, conflitos de classe e epidemias, à entrada em massa de indivíduos provenientes do sul e do leste europeu.¹⁰

A segunda geração da KKK, reorganizada por William Simmons em 1915, esteve profundamente relacionada ao impacto gerado pela segunda leva migratória, florescendo não apenas no sul e sudeste, mas principalmente no meio-oeste em estados como Indiana, Ohio, Kansas, Michigan, Oklahoma, Texas, Oregon e Califórnia.¹¹ Presentes em suas críticas e descontentamentos estavam não apenas a posição política do negro e o liberalismo, em sua visão, impostos “goela abaixo” durante a Reconstrução, mas notadamente a entrada indiscriminada de “hordas” de imigrantes judeus e asiáticos nos EUA. Os recentes cidadãos, sua cultura e costumes, são comparados a um problema de saúde e segurança pública, bem como atores que ameaçavam os valores e a moral tradicionais.

[A Klan] vai expulsar de uma vez os contrabandistas desta terra. Vai trazer filmes limpos para esse país; vai trazer literatura despolidada para esse país; vai

acabar com o estacionamento na beira da estrada e garantir que um jovem rapaz que induzir uma moça a beber seja responsabilizado.¹

A década de 1920 foi a década de ouro do movimento eugenista norte-americano. Os estudos científicos sobre racismo nos EUA datam desde o início do século XX, tendo em zoólogos, paleontólogos e antropólogos suas figuras mais importantes. Charles Benedict Davenport (1911 e 1929)¹³, Madison Grant¹⁴, Henry Fairfield Osborn (1916)¹⁵ e Harry Laughlin (1922)¹⁶ foram além das pesquisas e debates acadêmicos, militando em organizações privadas e influenciando políticas públicas. Influenciados pelos escritos de Arthur de Gobineau sobre a hierarquização das raças¹⁷, as teses conspiratórias antissemitas de Houston S. Chamberlain¹⁸ e pelas pesquisas de Georges Lapouge sobre o desenvolvimento histórico em termos de conflitos raciais¹⁹, os eugenistas norte-americanos tiveram, contudo, menor repercussão no campo científico em termos de descobertas e propostas inovadoras, residindo sua importância na difusão do darwinismo social e do racismo sob pretensas bases científicas e na articulação política dessas ideias em organizações civis. O apoio político e financeiro de proeminentes intelectuais, como o economista Irwin Fisher, e principalmente de grandes famílias-fortuna, como os Rockefeller, os Harriman e os Carnegie, aos aparelhos *Eugenics Record Office* (1910) e *Eugenics Committee of the United States of America* (criado em 1922 visando a fundação da *American Eugenics Society* em 1926) demonstram o poder de difusão e abrangência do projeto de sociedade racista, excludente e autoritário encampado pelos eugenistas.²⁰ À semelhança de seus mestres europeus, frequentemente defendiam políticas autoritárias por parte do Estado, como modo de preservar o melhor da espécie humana e expurgar (ou pelo menos controlar) o indesejável, apoiando estatutos de esterilização e leis anti-miscigenação. A partir, daí entendemos porque os eugenistas norte-americanos tiveram tanta influência no pensamento e nos projetos de ideólogos do nazismo alemão, em especial Alfred Rosenberg, Eugen Fisher e Hans Guenther.

Com respeito ao antissemitismo, especificamente, um dos maiores propagadores de ódio e teorias conspiratórias contra os judeus foi o magnata da indústria automobilística, Henry Ford. Em 1918, Ford compra um pequeno jornal denominado *The Dearborn Independent*, transformando-o

rapidamente em um periódico de circulação nacional, dedicado a difundir teorias conspiratórias e antissemitas.

Muitos dos artigos veiculados no jornal eram de autoria do próprio Ford e juntamente com as teses eugenistas contribuíram para fundamentar uma mudança significativa na forma de se pensar o judeu, que vinha sendo construída na Europa desde meados do XIX. Em 1816, Jacob Fries substituiu as noções teologicamente elaboradas sobre os judeus por uma perspectiva social e política, destacando o caráter usurpador de um grupo inclinado a minar a ordem da sociedade e tomar dos alemães o controle do país. Mais adiante, Chamberlain em *Die Grundlagen des Neunzehnten Jahrhunderts* [Os fundamentos do século XIX] entende o judeu como uma ameaça aos padrões tradicionais pela disseminação da produção industrial, do materialismo burguês, do socialismo e do liberalismo. A partir dessa perspectiva, os judeus não seriam mais um grupo étnico-religioso, mas uma associação política.

Retórica similar pode ser vista nos “Protocolos dos Sábios de Sião”, publicados pela primeira vez nos EUA justamente no *The Dearborn Independent*. Originalmente publicados na Rússia em 1903 e atribuídos à polícia secreta do Tzar, os Protocolos consistem em uma descrição de uma série de reuniões de lideranças judaicas mundiais, com o objetivo de arquitetar um plano de dominação mundial. Os Protocolos carregam ao longo de suas páginas uma série de preconceitos em relação à comunidade judaica, apontando o povo judeu como tirano, especulador financeiro e promotor de uma forma de governo global e coletivista.²¹

Em meados da década de 1920, Ford financiou ainda a produção e distribuição de uma série de quatro livretos sob o nome *The International Jew*, compilando artigos publicados no *The Dearborn Independent* juntamente com os Protocolos. Os livretos rapidamente se popularizaram, sendo traduzidos para o alemão sob o título *Der Ewige Jude* [o eterno judeu] e tidos como literatura fundamental entre nazistas proeminentes, inclusive Hitler.

Nas teorias conspiratórias encontra-se a chave para o entendimento da tese do bolchevismo judaico (associação entre os judeus, o marxismo/socialismo e projetos de dominação mundial), disseminada pelo nazismo durante o entre guerras e ainda muito popular nas organizações contemporâneas.

Vejamos agora como esses fenômenos históricos influenciaram a construção do fascismo nos EUA.

A história do fascismo nos EUA não nasce com a crise do modelo de dominação pautado no reformismo de base fordista-keynesiana, mas assim como na Europa, remonta ao entre guerras. Durante esse período, o fascismo também floresceu do outro lado do Atlântico. Existiam nos EUA organizações fascistas articuladas em nível nacional e internacional, promovendo reuniões, passeatas e comícios; produzindo material de propaganda política; distribuindo materiais produzidos na Alemanha nazista, etc. Assim como na Alemanha e na Itália, os grupos fascistas norte-americanos integravam o cenário político, defendendo uma visão de mundo, angariando adeptos e trabalhando em prol de um projeto de sociedade bastante distinto do liberalismo ou do mero segregacionismo. O desfecho das lutas, contudo, foi outro da Europa. Venceu o reformismo encabeçado pelo Partido Democrata.

Segundo Diamond, existiam mais de 100 organizações fascistas ativas durante a Grande Depressão. À época da implementação das reformas do New Deal, fascistas mostravam-se insatisfeitos sob a alegação de que o país estaria caminhando em direção ao socialismo.²²

The friends of the new Germany, criado nos inícios dos anos 1930 pelo membro do NSDAP [*Nationalsozialistische Deutschlands Arbeiter Partei*] Heinz Spanknoebel, surgira da fusão de dois pequenos grupos, *Gau-USA* e *Free Society of Teutonia*, ambos contendo algumas centenas de membros. O grupo foi criado inicialmente com o objetivo de combater o boicote judaico aos empreendimentos comerciais do bairro germanizado de Yorkville, em Manhattan²³. Posteriormente, as atividades tornaram-se mais complexas, mantendo relações diretas com a Alemanha nazista. Instituições como o *German Railroad Office* e o Consulado alemão enviavam à organização material de propaganda, a serem distribuídos nas ruas de Nova York, Chicago, Los Angeles e Detroit.²⁴

Indo além das atividades de propaganda do *Friends of the new Germany*, foi fundada em 1936 a *German American Bund* (Liga germano-americana). Esta organização contava com algo em torno de 100 unidades locais, espalhadas em 47 estados, sendo composta por aproximadamente 50 mil membros, predominantemente alemães naturalizados.²⁵ Sob a liderança de Fritz Julius Kuhn,

a organização criou diversos campos de treinamento, uma ala paramilitar – o *Ordnungsdienst* – e promoveu inúmeras manifestações. A mais notável entre elas deu-se em fevereiro de 1939 quando conseguiu reunir 22.000 pessoas no Madison Square Garden, em Nova York, para o comício intitulado *Pro-American Rally*.

Apesar dos contatos e influências exercidas pelo nacional socialismo alemão, o fascismo norte-americano não buscava recriar a Alemanha na América. Ao contrário, a abundância de bandeiras norte-americanas e o próprio título da passeata “Pro-American rally” denotam que as angústias que alimentavam o fascismo eram buscadas na própria realidade norte-americana. Um dos objetivos da Liga era preservar os germano-americanos da suposta cultura materialista, particularmente forte nos EUA, dominada por judeus. Assim, a Liga denunciava abertamente a teoria do *melting pot* (cadinho de raças) como uma invenção judaica, urgindo aos germano-americanos que se mantivessem “puros”, ou seja, longe da degeneração não apenas genética, mas também cultural, inevitavelmente trazida pela miscigenação.²⁶

Passadas as angústias da Depressão, poder-se-ia imaginar que o fascismo sucumbiria com a guerra, não havendo mais espaço ou razão para críticas e reivindicações por parte de um movimento reativo em uma sociedade em franca expansão, iniciando um novo ciclo de prosperidade. É certo que o número de organizações com esse caráter declinou consideravelmente durante as décadas de 1940 e 1950. Perseguições impostas pelos HUAC [*House of Un-American Activities Committee*], baseadas na suposta união entre fascistas e segregacionistas como a KKK, *Knights of the White Camelia* e *Silver Shirt Legion of America*, contribuíram para o declínio desses grupos.²⁷ Porém, a ideologia sobreviveu ao tempo e à repressão por parte das instâncias de lei e da ordem.

Ao fim da dourada década de 1950, vemos uma nova manifestação de fascismo nos EUA. Fundado em 1959 pelo veterano George Lincoln Rockwell, o *American Nazi Party* manteve a tradição das passeatas e comícios, marchando em clássicos uniformes nazistas e gritando motes como “*Sieg Heil!*” e “*White Power!*”. Entretanto, diferentemente do contexto anterior, as iniciativas do *American Nazi Party* seduziam poucos. A passeata organizada na cidade de Chicago em 1966 atraiu somente 1500 ouvintes. Além dos atos

públicos o partido dedicou-se a publicar periódicos, como o *National Socialist World*, e livros.

A linguagem verborrágica de Rockwell atraía adeptos e tanto ele quanto a organização receberam bastante atenção da mídia, especialmente a partir das famosas incursões em campi universitários, quando Rockwell procurava difundir a proposta do partido e recrutar novos membros entre a juventude.

Em janeiro de 1967, buscando adentrar o campo eleitoral, o partido abraçou uma linha mais low profile, limitando o uso público da parafernália nazista e moderando discurso contra minorias e os ataques ao sistema parlamentar liberal. Adotou também um novo nome, *National Socialist White People's Party*, como estratégia para afastar-se das fracassadas tentativas passadas. A mudança de direção do partido desagradou muitos membros, que se desligaram, engajando-se em outros organismos. Divergências e lutas intestinas pelo poder levaram ao fracionamento do partido em diversos grupos.

Muitos fascistas consideram o caminho da política partidária pouco frutífero. Segundo eles, o sistema democrático-parlamentar está demasiadamente corrompido, não representando a vontade da maioria, transformando-se em um espaço monopolizado e manipulado por um grupo restrito de oligarcas, obcecados unicamente pelo aumento de seus lucros. Esse grupo é comumente associado aos judeus. Alimentam, nesses termos, teorias conspiratórias de um plano mundial arquitetado por judeus para dominar o mundo. Conforme afirma Richard Butler, líder póstumo da *Aryan Nations*: “Se tentarem se juntar ao sistema, acabam se transformam em parte do sistema. Então, concorrer a um cargo político não é o caminho que percorremos. Nós queremos a separação das raças.”²⁸

Ainda assim, essa questão não é consensual. Diversas organizações não fazem objeções radicais ao espaço eleitoral, ainda que este seja usado mais como um veículo de difusão ideológica do que como porta para obtenção de poder político. Muitos acreditam que essa possa ser uma saída paliativa, uma solução temporária que preparará o terreno para a “revolução branca”.

Visando evitar alvoroço nacional e aumentar as chances de sucesso, a estratégia muitas vezes adotada é dar preferência a cargos menores, como o de deputado ou o de vereador, focando em comunidades locais. Dentro dessa lógica, a escolha

por partidos torna-se menos importante, e, como em alguns depoimentos, pode ser até irrelevante. Muitas vezes esses candidatos são mesmo rejeitados pelos partidos tradicionais.

Se eu concorrer novamente a câmara, estarei concorrendo muito mais para difundir a mensagem do *Creativity* e da causa racial branca. Ganhar não é realmente importante. A vitória está em difundir a mensagem para nossa raça pelo processo político.²⁹

Fica claro, portanto, que a sociedade política é um espaço de ação controverso. Indivíduos lançam suas candidaturas nos mais diversos partidos, não havendo um plano de ação coeso, estratégia comum ou organização dos adeptos do fascismo em torno de um partido político voltado para a defesa de seus interesses. Destaca-se, assim, a sociedade civil como o terreno privilegiado de atuação.

Vimos acima, que os aparelhos privados até a década de 1960 direcionavam seus esforços na organização de passeatas, comícios e panfletagem. O objetivo dessas atividades, desse tipo de militância é chocar e recrutar. Por isso mesmo são manifestações públicas, sendo normalmente programadas para cidades que vêm experimentando distúrbios sociais e problemas econômicos graves.³⁰ Atrair a atenção da mídia também importa, mas, ao final, o que essas organizações do passado procuravam era aumentar o número de membros.

Atualmente as atividades de militância tornaram-se mais complexas, principalmente após a popularização da internet. Muitos grupos neofascistas procuram externalizar suas críticas, ressentimentos e reivindicações buscando formas menos tradicionais de fazer política e apostando na cultura e na educação. Algumas estratégias de luta, como a disputa político partidária, foram sendo gradativamente abandonadas; outras, como passeatas e grandes comícios públicos, foram reconfiguradas.

Mas, o mais marcante é justamente o investimento pesado na produção de material de mídia variado. A aposta em editoras, gravadoras (*Resistance Records*), promoção de bandas de hate rock, programas de rádio e de televisão em canais privados e o desenvolvimento de jogos infanto-juvenis reconfiguraram o modo de fazer política. As páginas eletrônicas das organizações contém

quantidades extraordinárias de material político-ideológico gratuito e assinaturas, quando exigidas, saem por preços acessíveis. É comum ainda a disponibilização de livros e documentos do terceiro Reich. Além disso, a internet funciona como veículo de interlocução entre os grupos, disponibilizando fotos dos eventos e de passeatas, links de outras organizações e construindo espaços privados e seguros para conversa e compartilhamento (*hotlines*).

Os fascistas contemporâneos procuram trazer a política para o cotidiano. Daí o investimento em canais populares de difusão da informação. A mídia atrai por ser moderna, de fácil acesso, pelo custo relativamente baixo de produção e pelo imensurável poder de difusão. Mas é apenas um dentre muitos caminhos para se alcançar o público e difundir a mensagem.

Pioneiro no movimento de uso da mídia foi o *Liberty Lobby* (1957-2001), investindo na produção de diversos materiais de mídia com o intuito de angariar adeptos e fundos. Destacam-se os boletim *Right* e as revistas impressas *Spotlight* e *Liberty Letter*, além de livros, panfletos, boletins on-line e o programa de rádio semanal *Radio Free America*.³¹ Outro passo importante dado pelo *Liberty Lobby* foi o financiamento e o apoio à diversas agremiações da sociedade política e civil, como o *Institute for Historical Review* (1979), o *Populist Party* (1984) e a organização paramilitar *National Youth Alliance*, fruto das organizações da campanha presidencial de George Wallace (1968).

O *Liberty Lobby* inaugurou, portanto, a tendência à diversificação das formas de militância e difusão da ideologia, algo particularmente caro aos aparelhos fascistas contemporâneos. Apostando menos nas tradicionais estratégias de luta como comícios, panfletagem, desfiles, passeatas etc., seguidas por contemporâneos como *American Nazi Party* (posterior *National Socialist White People's Party*) ou pelo *German-American Bund* dos anos 1930, as novas formas de militância trazidas pelo *Liberty Lobby* aumentaram rapidamente as bases de apoio do fascismo.

Vale salientar ainda que, a difusão ideológica gratuita via modernos meios de comunicação tem a vantagem de torná-la mais rápida e silenciosamente, não mobilizando as instâncias públicas de aplicação da lei e manutenção da ordem.

Muitas organizações iniciaram suas atividades de difusão ideológica e mobilização de forma

rudimentar, distribuindo panfletos e folhetos pelas ruas. Esse foi caso da *National Alliance*, fundada em 1974 a partir de um racha da *National Youth Alliance*. No ano seguinte, veio a produção dos primeiros periódicos na forma de tablóide, *Attack!* e *National Vanguard*. Ao final dos anos 1970, a organização adentrou o ramo editorial (*Resistance Books*, *National Vanguard Books*), publicando e distribuindo periódicos e livros, como o *The Turner Diaries*, romance conhecido por ter inspirado o atentado de Oklahoma City em 1995.

Periódicos eletrônicos, livros e artigos avulsos são frequentemente encontrados nas páginas eletrônicas das organizações, fazendo da mídia escrita ainda hoje o caminho privilegiado para difusão ideológica e mobilização. *Church of the Creator* edita a revista *Racial Loyalty* desde 1983, publica livros e cartas do fundador Ben Klassen desde sua fundação em 1973. As publicações tiveram primeiramente versão impressa, publicados pela *Albo Printing Co.*, *Universal Printing* e *Dixie Printing*, e posteriormente eletrônica. As páginas eletrônicas do *White Aryan Resistance* (WAR) e *Aryan Nations* contêm uma série de artigos avulsos e entrevistas com fundadores. A WAR desenvolve ainda um trabalho de divulgação das publicações de outras organizações.

Nos anos 1990, surgem as produções de materiais de áudio e áudio-visual. Somente algumas organizações investem com mais força nesse departamento. Destacam-se esforços da *National Alliance*, pioneira na produção de filmes e no serviço de transmissões de rádio, e da WAR com programa de televisão *Race and Reason*, o *Insurgent radio show*, além de um pacote de jogos eletrônicos.

Filmes de longa e curta metragens foram produzidos pela *National Alliance*, dentre os quais destaque “America is a changing country” e “A White World”. Apesar da simples produção, os filmes da *National Alliance* são bem ilustrativos do programa da organização, suas críticas e propostas. O programa de televisão *Race and Reason* produzido pela WAR, veiculado em canais privados de televisão nos EUA e Canadá, procura trazer militantes convidados, muitos deles líderes de outras organizações. A WAR dedicou-se ainda a produzir montagens de vídeos, aproveitando algumas transmissões de William Pierce e ilustrando-as com imagens variadas, incluído cenas de “America is a changing country” e filmes e seriados recentes como “Alexandre”, “Troia” e “The Tudors”.

A política adentrou também o universo lúdico e infanto-juvenil. No documentário “Louis and the Nazis”, produzido pela BBC, vemos uma variação da brincadeira popular conhecida como “amarelinha”, na qual as crianças pulam e cantam ao redor de uma suástica desenhada no chão. Crianças que cantem ou toquem instrumentos são incentivadas a compor canções próprias, voltadas para temáticas relativas à superioridade da raça e da cultura “branca”, sendo freqüentemente convidadas a se apresentarem no *Aryan Fest*.

Nos quadrinhos produzidos pela *National Alliance* são observadas críticas às políticas inclusivas e de bem-estar, ao multiculturalismo e a tolerância cultural e étnica. A história enfoca principalmente o negro e as políticas integracionistas oficiais. Tudo apresentado numa linguagem bem atual, bem jovem. A parte gráfica traz um design relativamente moderno, com boxes assimétricos e com movimento, além de caixas de diálogo com formatos variados. As últimas páginas trazem uma mensagem de “esperança”, já que um novo amanhã estaria chegando, e terminam com um chamado à militância e à luta, convocando os jovens a se tornarem membros da *National Alliance*³².

Na página eletrônica da WAR estão disponíveis uma série de jogos de computador que podem ser baixados ou jogados em rede. Os jogos são simples, nada comparado à complexidade dos jogos desenvolvidos pela *National Alliance*, contudo mais variados e abordando questões atuais como, imigração ilegal, criminalidade e corrupção, homens-bomba, homossexualismo etc. Os jogos são marcados pela violência explícita, mas também pela irreverência e pelo sarcasmo, traços característicos da WAR. Bin-laden, Saddam Hussein e o ator Eddie Murphy foram transformados em personagens dos jogos “Bin-Laden Liquors” e “African Detroit cop”. Outros jogos são “Shoot the Blacks”, “Nazi Wolf 3D”, “White Power Doom Patch”, “Rattenjagt: kill jewish rats”, “Ghetto Baster”, entre outros.³³

Em “Border Patrol”, o jogador é levado à fronteira dos EUA com o México. Na margem norte-americana do rio Grande estão duas placas dizendo “Bem vindo aos EUA” e “welfare office”. Iniciado o jogo, mexicanos, caracterizados como “nacionalistas”, “traficantes de drogas” e “reprodutores” começam a atravessar a fronteira. Objetivo do jogo é “mantê-los longe... a qualquer custo”. Ao final de um tempo determinado, seus pontos são computados conforme a quantidade de latinos mortos. A mesma lógica é usada em

“Kaboom: the suicide bombing game”, no qual um homem árabe anda por uma cidade, presumidamente ocidental dado o vestuário dos demais transeuntes, e, ao sinal do jogador, o homem árabe explode a si mesmo. Os pontos são computados conforme o número de homens, mulheres e crianças mortos e feridos.

Em “Ethnic Cleansing”, o objetivo do herói virtual é matar negros, latinos e judeus, acumulando 10 pontos a cada latino eliminado e 15 a cada negro e judeu. A primeira fase se passa em um gueto, no qual encontram-se negros e latinos. Na fase seguinte, o jogador é levado para uma estação de metrô, onde estão os judeus. O clímax do jogo está em conseguir matar Ariel Sharon, ex-primeiro ministro de Israel que se encontra no *jewish control center* arquitetando planos para dominar o mundo. A violência explícita é premiada ao longo do jogo com sistema de pontos e justificada com o argumento da sanitização, impresso no título “limpeza étnica”.

Assim, é brincando que se faz um pequeno fascista, construindo desde a tenra idade uma visão de mundo na qual o diferente não é digno de viver, precisa ser destruído. O investimento em projetos voltados para recrutar e engajar a juventude é hoje um dos campos mais arrojados no conjunto das estratégias de mobilização de pessoal empreendidas por organizações fascistas, além de ter se tornado um negócio lucrativo.

Observemos que nos jogos a única possibilidade de ação é matar, eliminar o diferente. Cenários são alterados, armamentos podem ser escolhidos, o perfil do personagem principal pode variar, mas há apenas um modo para se lidar com o outro, matando-o. Não existe a possibilidade de aprisionamento, comércio ou subordinação. Em contraste com uma proposta segregacionista, nota-se que não se quer dominar, rebaixar ou explorar o inimigo, este tem de ser eliminado, pois não há espaço para diferenças nesta micro-realidade.

Percebe-se, também, certa incompatibilidade entre um discurso que, como vimos acima, advoga separatismo e em muitos casos censura práticas de violência direta, e a mensagem de extermínio daquele que não pertence à coletividade mitificada, transmitida pelo jogo. Este elemento de eliminação sumária do diferente e da oposição traduz não apenas o racismo, mas o grau de autoritarismo impresso nesse projeto de sociedade, não condizendo nem com a ideologia nem com a prática liberal.

Tal discrepância é igualmente vista na relação

estreita entre grupos que teoricamente rejeitam a prática da violência física e aqueles que concebem esse caminho como estratégia de luta. Em meados dos anos 1980, a organização *The Order* ganhou notoriedade por uma série de atos criminosos, cometidos em nome da “causa ariana” e da construção do lar ariano no noroeste do EUA, dentre eles: falsificação, assalto a bancos (*Seattle* U\$25.000 e *Spokane* U\$3.600), shopping centres (*Seattle’s Northgate shopping mall* U\$500.000) carros-fortes (*Continental Armored Transport Company* U\$40.000 e *Brinks* U\$3.600.000), o bombardeio da maior sinagoga de Idaho e o assassinato do radialista Alan Berg. Diversos integrantes da organização acabaram presos ou mortos em operações do FBI. O montante do dinheiro roubado, contudo, teve outro destino, sendo distribuído entre líderes de importantes organizações fascistas, nomeadamente Richard Butler da *Aryan Nations*, William Pierce da *National Alliance*, Tom Metzger da *WAR*, Louis Beam, Frazier Miller da *North Carolina Knights of the Ku Klux Klan* e Bob Miles de *Mountain Church*.³⁴

O que se nota é que muitas vezes organizações como *National Alliance* ou *Aryan Nations* que condenam práticas de violência física parecem se beneficiar desses atos, ainda que perpetrados por outros. Pierce (1991) chegou enfatizar publicamente a importância simbólica dos feitos de Robert Matthews, integrante da *The Order* morto em operação da *SWAT*.³⁵ Em outra ocasião, o mesmo Pierce comprara uma propriedade da *Church of the Creator*, para livrá-la de ser arrestada pela justiça em um processo no qual esta organização era acusada pelo assassinato do marinheiro afro-americano Harold Mainsfield. A *National Alliance* comprou a propriedade visando resguardar as posses da *Church of the Creator*, no caso de perda da causa e possível sanção na forma de indenização.

Como podemos perceber, apesar de muitos aparelhos não advogarem ou exercerem diretamente a violência, acabam consentindo e até lucrando com ela. O almejado separatismo é projetado tendo em vista a expulsão violenta do outro e assegurado pela eliminação daquele que por ventura venha desafiar as regras e fundamentos da nação ariana.

Apesar do investimento em mídia para difusão ideológica, intercâmbio de informações e arrecadação de fundos, as organizações não abandonaram o trabalho de militância direta. Com frequência, membros da *National Alliance* visitam escolas de ensino fundamental para conversar com

os alunos sobre os problemas da sociedade contemporânea, aproveitando para divulgar a revista em quadrinhos “New World Order Comix – the saga of White Will” e os jogos de computador “Ethnic Cleansing” e “White Law” produzidos respectivamente pela *Resistance Books* e *Resistance Records*. O trabalho de base direcionado para juventude mostra a preocupação da organização em difundir seu projeto dentre as mais diversas faixas etárias.

O trabalho de base de apelo ao espetáculo, comumente visto em comícios, passeatas ou nas tradicionais marchas, não foi totalmente abandonado, mas tendeu a diminuir, passando a ser construído em âmbito mais restrito, em encontros, reuniões e festividades que, embora abertos ao público, costumam ser realizados em enormes propriedades-sedes (compounds) das organizações.

Esse é o caso do *Aryan Fest*, do *Aryan Nations Congress* e do *Aryan Youth Festival*. Os dois primeiros eventos consistem em encontros anuais, realizados desde 1974, em Hayden Lake, sede da *Aryan Nations*. Esses encontros congregam discussões políticas bem como apresentações culturais, como shows de bandas, apresentações teatrais, etc., atraindo não somente militantes de organizações neofascistas como também brancos não-filiados, a procura de possíveis respostas aos seus infortúnios e um canal para extravasar suas angústias e preconceitos.

Foi justamente num desses encontros que se popularizou o projeto separatista de um lar ariano no noroeste dos EUA. Durante o *Aryan Nations Congress* em 1986, Robert Miles, pastor da *Christian Identity*, defendeu publicamente sua proposta, afirmando que um dos meios para se alcançar o objetivo do lar ariano poderia ser pela mudança e compra gradativa de terrenos adjacentes na região do noroeste dos EUA por famílias brancas. Lá criariam suas e educariam seus filhos, incentivando taxas de nascimento elevadas.³⁶

O *Aryan Youth Festival* consiste em um festival de música, voltado especificamente para a promoção de bandas de *hate rock*. Acontece periodicamente desde 1989, igualmente na propriedade-sede da *Aryan Nations* em Hayden Lake, atraindo majoritariamente jovens, dentre os quais muitos *skinheads*. Gravadoras racistas têm um papel importante no financiamento e promoção de eventos desse tipo. Segundo George Eric Hawthorne, fundador da *Resistance Records*, a

gravadora contribui para forjar um novo destino para a música *white power*, oferecendo oportunidade para jovens expressarem sua música livremente. Fundada em princípios de 1994, a gravadora já assinou contrato com inúmeras bandas e, conforme indica o controle de vendas de 1995, as mais populares são: “Bound for Glory”, pelo álbum “The fight goes on”; “RAHOWA” por “Declaration of war” e “Nordic Thunder” por “Born to hate”.³⁷

Juntamente com a gravadora, Hawthorne lançou também uma revista, *Resistance Magazine*. Em sintonia com a gravadora, a revista procura unir entretenimento e educação política, além de trazer uma linguagem jovem e vibrante, publicando entrevistas das bandas “white power” e reportagens caras ao universo dos jovens fascistas como a origem dos *skinheads* (não necessariamente fascistas), controle de armas, racismo, nacionalismo etc. Seu quadro de colaboradores conta ainda com figuras relevantes como William Pierce, fundador da *National Alliance*; James Mason, membro do *National Socialist Liberation Front* e editor do periódico *The Siege*; David Lane, integrante da *The Order*; e David Duke, ex-governador e ex-deputado estadual da Louisiana, fundador do *National Socialist White People's Party*.

Outra estratégia de militância de base é a religião. Muitas organizações neofascistas surgiram a partir de seitas religiosas, criadas com vistas a fundamentar sua visão de mundo e prática social. Duas das organizações enfocadas nessa pesquisa são embasadas religiosamente. Pautadas no cristianismo, no paganismo nórdico ou inteiramente novas, a verdade é que as religiões têm se tornado um canal importante de difusão ideológica, mobilização de militantes e arrecadação de fundos. A religião é uma estratégia de luta refinada, integrando-se ao cotidiano da vida familiar, construindo uma cultura particular e inculcando em homens, mulheres e crianças, durante cultos frequentes, uma dada mensagem e proposta de vida. Tudo isso fortalece o fazer político.

O sistema de crenças, conhecido como *Christian Identity* tem sua origem no israelismo britânico de fins do XIX, o qual pregava que as 10 tribos perdidas de Israel acabaram migrando, atravessando o Cáucaso e dando origem aos variados povos nórdicos e anglo-saxônicos. Assim, o israelismo britânico e, conseqüentemente, a *Christian Identity* sustentam que os povos de origem celta e anglo-saxônico seriam o povo escolhido de Deus, e não os judeus.

Os pastores norte-americanos Bertram Comparet e Wesley Swift foram particularmente importantes por ligar o israelismo britânico aos ideais racistas e anti-semitas na década de 1940. Contudo, a *Christian Identity* só irá se popularizar entre os setores conservadores tempos depois. O pivô da difusão e maior aceitação da *Christian Identity* foi uma crise agrícola severa na década de 1970, comparável a do entre guerras. Segundo Diamond, a população agrícola norte-americana decresceu assustadoramente, caindo de nove milhões em 1975 para menos de cinco milhões em 1987.

Os pequenos proprietários rurais viram tudo pelo que tinham trabalhado cair as mãos de banqueiros que tomavam suas propriedades. A direita racista tirou vantagem desse contexto, aproveitando essa rara oportunidade para disseminar teorias conspiratórias sobre o controle judaico do sistema financeiro.³⁸

A crise econômica instalada no cinturão agrícola se espalhava por todo o meio-oeste, tornando essas regiões terreno fértil para a difusão de teorias superficiais, racistas e conspiracionistas. O pastor e fundador da *Aryan Nations*, Richard Butler, teve os primeiros contatos com a *Christian Identity* nos anos 1960, quando conheceu William Porter Gale, discípulo de Wesley Swift. Lá ele fora apresentado ao próprio Swift, integrando sua igreja em Lancaster, Califórnia. Após a morte de Swift em 1970, Gale e Butler procuraram construir seus próprios rebanhos, liderando cada um sua própria igreja, baseada na *Christian Identity*. Assim nasceu a *Aryan Nations*.

Atualmente adotado por diversas organizações neofascistas, a *Christian Identity* afirma que os europeus brancos descendem do povo israelita mencionado na Bíblia; Adão e Eva foram os primeiros brancos; os judeus são descendentes do demônio, fruto da relação entre Eva e Satã; os demais não-brancos, usualmente identificados como *mud-people*, pertencem a “raças” pré-adâmicas, falhas de Deus antes de conceber Adão em sua perfeição, portanto, “raças” subumanas.³⁹

Outra crença que se destaca no cenário do fascismo contemporâneo é o *Creativity*, misto de organização política e religião, surgida em 1973 com o nome de *World Church of the Creator*. Essa religião não tem base cristã, negando veementemente a Bíblia cristã por ter sido escrita por judeus e criticando cristãos por colocarem Deus acima da raça. Diz-se embasar-se em leis naturais universais, na história, na lógica e senso

comum, algo próximo ao visto em alguns discursos de Hitler, que também falava nesses termos.⁴⁰

Esta organização busca investir mais fortemente na religião podendo ser considerada uma organização político-religiosa, dedicada à sobrevivência, expansão e avanço da “raça branca”. Todas as suas lideranças são reverendos, coordenam igrejas locais, promovendo sermões e procuram dialogar principalmente com igrejas neopentecostais como a Igreja Universal. Através dos diálogos e conflitos com adeptos de outras crenças cristãs que procuram ganhar sua base de apoio. Os reverendos são ainda os principais autores dos livros da organização. Escrevem artigos nos periódicos *Racial Loyalty* e *Struggle*, além de coordenarem os sermões transmitidos por rádio. A RaHoWa Radio, transmite regularmente programas dos reverendos Ben Klassen e Matt Hale.

Outro sistema de crenças bastante popular entre os fascistas norte-americanos são as variantes do neopaganismo nórdico, conhecido como Odinismo, Wotanismo e Ásatrú. Religiões pagãs politeístas ou idólatras da natureza eram populares entre povos germânicos (ingleses, alemães, escandinavos, holandeses) e celtas (irlandeses, escoceses e galeses), tornando-se clandestinas por conta da expansão cristã.⁴¹

Foram periodicamente retiradas do ostracismo, primeiramente durante o romantismo nacionalista do século XIX, depois no entre guerras e novamente em 1970. Cientistas sociais como Adler e York sustentam que o Odinismo é, em seu âmago, conservador, enfatizando a pureza racial, a unidade familiar e o neotribalismo, rejeitando, conseqüentemente a miscigenação, o feminismo, a diversidade política, sexual ou de estilos de vida.⁴² Apesar de não estarem exatamente ligados ao racismo, as manifestações mais extremas do misticismo racial acabam por atrair simpatizantes fascistas.⁴³ Muitas vezes o racismo aparece de forma mascarada como nesse trecho extraído da revista *The Odinist*, publicada pela *Odinist Fellowship*. “Acreditamos que todas as raças, todos os povos são únicos, um fenômeno biológico-histórico não repetível que deve ser preservado”.⁴⁴ A ênfase na preservação da pureza de cada raça é já um indicativo da rejeição da miscigenação e do entendimento que a mistura leva à degradação.

Após percorrer brevemente a história do fascismo nos EUA, seu caráter peculiar em relação ao liberalismo e ao segregacionismo, as novas formas de fazer política e construir consenso, vemos como tais grupos fomentam conflitos na sociedade,

principalmente na esfera civil. Preconceitos vários, todos socialmente construídos, são alimentados ao extremo, naturalizando a violência. Crises, depressões e as limitações da democracia liberal em prover bem-estar e estabilidade mínimos são outras componentes, levando multidões de desesperados a projetar seus medos em teorias conspiratórias e “bodes expiatórios”, concebendo soluções autoritárias como alternativas desejáveis.

O apelo e a popularidade de saídas autoritárias são sintomáticos da falência da democracia capitalista.⁴⁵ A sedução, provocada pelo fascismo, utiliza-se de condições sociais, políticas e econômicas desfavoráveis; envolve e fascina por apresentar, ao menos na retórica, soluções rápidas, seguras e definitivas para um cenário de descrença e instabilidade. São os desempregados, jovens desesperançados e sem perspectiva, subcontratados, ou seja, parcela da classe trabalhadora “branca” que vem experimentando queda na qualidade de vida, que buscam suporte e algum senso de existência em organizações fascistas e demais grupos de ódio como milícias e organizações segregacionistas.

Analisando a posição social das lideranças de algumas organizações, pode-se observar a presença majoritária de membros não necessariamente de elites: Richard Butler era engenheiro aéreo-espacial; William Pierce, professor de física; Tom Metzger, técnico de aparelhos de televisão; George Lincoln Rockwell, militar; David Lane, historiador.

É o sentimento de impotência ante a transformação de suas realidades particulares que torna os indivíduos propícios a serem seduzidos por propostas simplistas, aparentemente milagrosas. A dimensão “*bad*” da sociedade civil vem crescendo em nossos tempos e mais do que um problema relativo ao preconceito e ao racismo culturalmente adquiridos, educação e informação insuficientes ou apatia política, a “*bad civil society*” é também um problema de justiça social. Uma solução efetiva para o problema há de levar em conta todos esses aspectos. Grupos fascistas hoje se organizam primordialmente na sociedade civil, mas seu crescimento revela um problema de ordem social mais geral. O caminho para uma sociedade menos intolerante e autoritária está justamente em olhar para além do âmbito da sociedade civil, incentivando não somente a construção de organizações privadas afinadas com o multiculturalismo e com a democracia, mas lutando igualmente pela implementação de políticas públicas inclusivas e uma organização do trabalho menos desigual.

Resumo

O artigo pretende destacar o papel e a dimensão do pensamento e das organizações fascistas nos EUA. Busco apontar alguns elementos presentes na história dos EUA que marcam o caráter específico, nacional e particular do fascismo norte-americano. Eventos como a escravidão, o sistema de segregação Jim Crow, as cotas de imigração para chineses e judeus, o macarthismo, entre outros, são apenas alguns exemplos de elementos que contribuíram para conformação especial do neofascismo norte-americano enquanto racista, anti-semita, anti-comunista e empreendedorista.

Palavras-chave: Fascismo, Estados Unidos da América.

Abstract

This article intends to highlight the role and the dimension of the fascist organizations and political thought in the USA. Along the text I underline some elements seen in the history of the USA that mark the particular and nationalistic character of north-american fascism. Events like the slavery, the Jim Crow segregation system, 1920's immigration quotas, McCarthyism, amongst others are just a few examples of elements that contributed for the special conformation of north-american neofascism as racist, anti-Semite, anti-communist and producerist.

Keywords: Fascism, United States of America.

Notas

¹ CHAMBERS, Simone; KOPSTEIN, Jeffrey. "Bad Civil Society". In: *Political Theory*. vol.29.N.6. December, 2001.

² BAUER, Otto. "O fascismo". In: FALCON, Francisco et.alli(org). *Fascismo*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974. GRAMSCI, Antonio. "Teses do Terceiro Congresso do PCI" (teses de Lione),1926. In: BARTOLOTTI, M. (org) *O fascismo: origens e análise crítica*. Lisboa: Ed.70, 1969. DOBB, Maurice. *Political economy and capitalism: some essays in economic tradition*. Routledge and Sons, 1937. SWEEZY,Paul. *Teoria do desenvolvimento capitalista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967. POULANTZAS, Nicos. *Fascism and Dictatorship*. NLB: London, 1974. KONDER, Leandro. *Introdução ao fascismo*. Rio de Janeiro: Graal,1979.³ A crisedo padrão de dominação fordista-keynesiano, observada a partir de 1970 envolveu mudanças no mercado de trabalho, trazidas pela reestruturação produtiva toyotista e pela implementação de políticas neoliberais. O decorrente depauperamento econômico vivenciado por setores dominados aliado a forte reação às políticas inclusivas, frutos dos movimentos de ampliação dos direitos civis e sociais, são de suma relevância para o entendimento tanto do desenvolvimento da Nova Direita norte-americana quanto o aumento extraordinário de aparelhos neofascistas aos fins da década de 1970.

⁴ Esta argumentação, contudo, não visa apontar os EUA como um país historicamente fascista, já que fascismo não se resume a segregação, racismo e exclusão. Procuro apenas apontar elementos presentes na configuração de processos históricos deste país que foram determinantes para a construção do caráter específico, nacional e particular do fascismo norte-americano.

⁵ FERNANDES, Luiz Estevam; MORAIS, Marcus Vinícius de. Os EUA no século XIX. In: KARNAL, L.et al. (org). *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2007.p.142.

⁶ TUCKER, Richard. *The Dragon and the Cross: the rise and fall of the Ku Klux Klan in Middle America*. Hamden,Connecticut:Archon Books, 1991.p.19-20.

⁷ ALTMAN, Niel & TIEMANN, Johanna. "Racismo como uma defesa maníaca". In:LEVINE, Michael & PATAKI, Tamás (orgs.). *Racismo em mente*. São Paulo: Madras, 2005.p.148-149.

⁸ LOPEZ, Ian F. Haney. *White by law: the legal construction of race*. New York: New York Univ.Press, 1996.p.9.

⁹ CORIAT, B. *El taller y el cronometro*. Mexico: Siglo XXI, 2005.

¹⁰ NGAI, Mae. "A estranha carreira do imigrante ilegal: restrições à imigração e política de deportação nos estados Unidos 1921-1965". In: *Tempo*. Vol.13 n.25, 2008.p.13.

¹¹ TUCKER, Richard.*op.cit*.p.6. ¹² MAYFIELD, Billie (ed). In: *Colonel Mayfield's Weekly*.Houston.Texas. *apud*. TUCKER, Richard.*op.cit*.p.8.

¹³ Biólogo, fundador do Eugenics Record Office em 1910. Defendeu a política de esterilização compulsória, aprovada em diversos estados norte-americanos a partir de 1907. Escreveu "*Heredity in relation to eugenics*" em 1911 e "*Race crossing in Jamaica*" em 1929. Manteve contatos com instituições e periódicos nazistas, mesmo após o término do segundo conflito mundial.

¹⁴ Principal nome da eugenia nos EUA, transcendendo paradigmas como o de "indivíduos socialmente inaptos" para "raças inaptas" e o de "conflito social ou de classe" para "conflito racial". Autor de "*The Passing of the Great Race*" de 1916 e "*The Conquest of a Continent*" de 1933.

¹⁵ Geólogo e palentólogo, adepto da teoria poligenista de evolução, segundo a qual brancos e negros desenvolveram-se a partir de primatas diferentes. Escreveu "The origin and evolution of life" em 1916.

¹⁶ Diretor do *Eugenics Record Office* desde a fundação em 1910 até o fechamento da instituição em 1939. Fundador do *Pioneer Fund* em 1937.Defensor da legislação de esterilização compulsória, aprovada em diversos estados do EUA a partir de 1907 e de leis estaduais ant-miscigenação, a exemplo do *Racial Integrity Act*. Testemunhou no Congresso em favor do *John-Reed Immigration Act* de 1924, apresentando dados estatísticos fundamentais para a aprovação da legislação. Em 1922 publica o livro "Eugenical sterilization in the United States", comentando alguns problemas observados na legislação de esterilização compulsória vigente e propondo um novo modelo que viria contornar tais falhas. O novo modelo incluía esterilização compulsória de indivíduos considerados de baixa capacidade cognitiva, loucos e deformados, além de epiléticos, criminosos, surdos, cegos, alcoólicos e indigentes. O modelo de Laughlin influenciou a lei de prevenção de descendentes com doenças hereditárias, aprovada na Alemanha nazista em 1933.

¹⁷ Em "*Essai sur l'inegalité des races humaines*" de 1853,

Gobineau defende a idéia da existência e hierarquização de três raças: branca, amarela e negra. Autor expressa certo pessimismo filosófico ao afirmar que processos históricos como urbanização, industrialização, miscigenação e ideais de democracia e igualdade estariam levando a um processo de degeneração da raça.

¹⁸ A grande contribuição do inglês Chamberlain em “*Die Grundlagen des Neunzehnten Jahrhunderts*” de 1899 além de exaltar a figura do elemento teuto-ariano foi a defesa aberta da eugenia e do anti-semitismo. O judeu é colocado como ameaça a um dado padrão tido como tradicional pela disseminação da produção industrial, materialismo burguês, socialismo e liberalismo.

¹⁹ Fundador da escola antropológica ultraconservadora francesa, a qual defendia a organização social segundo princípios zoológicos e interpretava a história nos termos do conflito racial. Em “*L’Aryen: son rôle social*” de 1899, Lapouge sustentava a substituição de ideais ‘fictícios’ como liberdade, igualdade e fraternidade por outros de cunho mais realista, como força, lei, raça e evolução.

²⁰ SPIRO, Jonathan Peter. *Defending the master race: conservatism, eugenics and the legacy of Madison Grant*. Burlington: Univ. of Vermont Press, 2009.p.128 e 180-184.

²¹ BERLET, Chip; LYONS, Matthew. *Right-wing populism in America: too close for comfort*. New York: Guilford Press, 2000., p.105.

²² DIAMOND, Sara. *Roads to Dominion: right-wing movements and political power in the United States*. New York: Guilford Press, 1995. p.22. SCHONBACH, Morris. *Native american fascism during the 1930 and 1940: a study of its roots, its growth and its decline*. NY: Garland, 1958.p.245-247.

²³ O boicote judaico às casas comerciais de Yorkville, NY, está inserido num contexto de conflitos recorrentes durante as décadas de 1930 e 1940 entre a comunidade judaica e uma parcela da comunidade germano-americana, afinada com o antisemitismo e não raro com o nazismo. Esses conflitos envolveram não apenas a população geral, mas também figuras proeminentes como o deputado federal Dickstein e o candidato a prefeito Fiorello LaGuardia, ambos de origem judaica. Os problemas se acentuaram com o surgimento de organizações fascistas norte-americanas, a exemplo do Gau-USA, Friends of the new Germany e da German-American Bund. Em retaliação aos ataques públicos a judeus, à vandalização de sinagogas e lojas, a comunidade organizou boicotes e grandes comícios, como o do Madison Square Garden que em 1937 reuniu 250.000 pessoas. BRADER, A. Kurt. *Image of a failure: the symbolism of American nazis during the Depression*. Master’s theses. San Jose State University, 1995. TERDIMAN, Esther W. *Imprensa Ídiche em São Paulo: vivência e dinamismo*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras de Ciências Humanas, USP, 1997.

²⁴ JONES, Alex; ICKE, David. BBC. *Nazi-America: a secret history*.

²⁵ Página eletrônica oficial do German American Bund. <http://www.germanamericanbund.org/>. Acessada em 13 de março de 2011.

²⁶ BERLET, Chip; LYONS, Matthew. *op. cit.*, p.134.

²⁷ DOBRATZ, Betty; SHANKS-MEILE, Stephanie. *The White separatist movement in the United States: White Power, White pride*. Baltimore: Johns Hopkins Univ. Press, 2000.p.56.

²⁸ BUTLER, Richard. (Interview). *Apud.* DOBRATZ, B; SHANKS-MEILE, S. *op.cit.*p.224.

²⁹ HALE, Matt. COTC Hotline., July 14, 1996. *Apud.* DOBRATZ, B; SHANKS-MEILE, S. *op.cit.*p.222.

³⁰ DOBRATZ, B; SHANKS-MEILE, S. *op.cit.*p.167.

³¹ DIAMOND, 1995 p.85 e 153. BERLET, C; LYONS, M. 2000 p.185-194

³² *New World Order Comix* n.1p.4 e 37.

³³ Página eletrônica da *White Aryan Resistance*. www.resist.org.

³⁴ DOBRATZ, B; SHANKS-MEILE, S. *op.cit.*p.192-193.

³⁵ PIERCE, William. *Introduction and Afterward to “A call to arms” speech by Robert Matthews*. Tape recording & National Vanguard Books. Hilsboro, WV, 1991. *Apud.* DOBRATZ, B; SHANKS-MEILE, S. *op.cit.*p.195.

³⁶ DOBRATZ, B; SHANKS-MEILE, S. *op.cit.*p.100.

³⁷ *Idem.*p.70-72.

³⁸ DIAMOND, S.*op.cit.*p.259.

³⁹ BERLET, C; LYONS, M. *op.cit.*p.270.

⁴⁰ *Idem.*p.136-137; 144.

⁴¹ DOBRATZ, B.;SHANKS-MEILE, S. *op.cit.*p.142.

⁴² ADLER, Margot. *Drawing down the moon*. Boston: Beacon Press, 1986.p.277. *Apud:* DOBRATZ, B.;SHANKS-MEILE, S. *op.cit.*p.138. YORK, Michael. *The emerging network: a sociology of the New Age and neo-pagan movements*. Lanham,MD: Rowman & Littlefield, 1995.p. 126.*Apud:* DOBRATZ, B.;SHANKS-MEILE, S. *op.cit.*p.138.

⁴³ KAPLAN, Jeffrey. *The reconstruction of the Ásatrú and Odinist traditions*. Parts 1-6. THEOD Magazine. Vols.1, 2., 1994,1995. *Apud:* DOBRATZ, B.;SHANKS-MEILE, S. *op.cit.*p.138.

⁴⁴ YORK, Michael. *The emerging network: a sociology of the New Age and neo-pagan movements*. Lanham,MD: Rowman & Littlefield, 1995.p. 125.*Apud:* DOBRATZ, B.;SHANKS-MEILE, S. *op.cit.*p.138.

⁴⁵ Diversas correntes teóricas apontam, por caminhos distintos, a falência da democracia, ainda que associada a outros elementos, como chave explicativa para se entender a emergência do fascismo. Autores marxistas associam a falência ou fraqueza da democracia liberal ao acirramento dos conflitos de classe e a incapacidade do sistema de assimilar divergências profundas. BAUER, Otto. “O fascismo”. In: *FALCON*, Francisco et.alli(org). *Fascismo*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974. POULANTZAS, Nicos. *Fascism and Dictatorship*. NLB: London, 1974. KONDER,Leandro. *Introdução ao fascismo*.Rio de Janeiro: Graal,1979. Autores de orientação liberal apontam para o abalo do liberalismo democrático, de tal modo que seus métodos não se mostram mais eficazes para a resolução dos conflitos de interesses dos grupos dirigentes. O fascismo refletiria a irrupção das massas no cenário político, conduzidas por um líder forte. MANHEIM, Karl. *Ideologia e Utopia*. Bologna, 1957.BRACHER, Karl Dietrich. *The Role of Hitler: perspectives and interpretations*. In:LAQUEUR, Walter. *Fascism: a reader’s guide*. Middlesex: Pelican Books, 1979.Há ainda estudos de influência weberiana, adaptações modernas do arquétipo da dominação carismática. Filha da crise, a dominação carismática é o resultado de desituações extraordinárias internas (psíquicas,religiosas) e/ou externas (econômicas, políticas). No caso da Alemanha, os fatores culturais e psicológicos que importam para o predomínio de formas carismáticas de tipo fascista seriam: o colapso relativamente recente da monarquia; resquícios por parte de alguns setores sociais de aspiração à autoridade suprema/heróica; o impacto traumático da guerra e do tratado de Versalhes; valores militaristas e chauvinistas. Soma-se a isso a profunda crise econômico-social do entre guerras. Da incapacidade da República de Weimar, uma organização estatal pautada na dominação impessoal, racional e legal, em lidar com esta crise global surge a brecha necessária para a aceitação de um novo sistema de governo, agora baseado no exercício do poder pessoal.

KERSHAW, Ian. *Hitler: um perfil do poder*.Rio de Janeiro: Zahar, 1993.